

LEANDRO
KARNAL

A
CORAGEM
DA
ESPERANÇA

LEANDRO KARNAL



A
CORAGEM
DA
ESPERANÇA



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Leandro Karnal, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Todos os direitos reservados.

Preparação: Andressa Veronesi
Revisão: Mariana Cardoso, Elisa Martins e
Departamento editorial da Editora Planeta do Brasil
Diagramação: Vivian Oliveira
Capa: Estúdio Insólito
Imagem de capa: yayasy/Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Karnal, Leandro
A coragem da esperança / Leandro Karnal. – São Paulo:
Planeta, 2021.
288 p.

ISBN: 978-65-5535-401-0

1. Crônicas brasileiras I. Título

21-1904

CDD B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas brasileiras

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO. VOCÊ É ÚTIL OU INÚTIL? 7

INTRODUÇÃO 13

PARTE 1. VIDA EM MIGALHAS 17

PARTE 2. MEMÓRIAS 81

PARTE 3. A CULTURA E O PODER 141

PARTE 4. O DESAFIO DA COMUNICAÇÃO 175

PARTE 5. VER E OUVIR..... 209

PARTE 6. A FICÇÃO DO REAL 237

PARA ENCERRAR: ESPERANÇA? 283

AGRADECIMENTOS 287

PARTE 1

Vida em migalhas

A migalha é um fragmento, o átomo poético do “pão nosso de cada dia”. O olhar sobre ela é muito especial: implica atenção, foco, uma habilidade superior que rasgue o tecido repetitivo do cotidiano. Cada texto aqui traz uma lente voltada ao pequeno, ao comum, ao cenário biográfico de todos nós. Como extrair beleza e sentido da pequena porção?

Afinal, para o que servimos?

Tenho a tentação de explicar para o que eu sirvo. A pergunta é complexa. Comecei a trabalhar aos 16 anos com carteira assinada. Desde a primeira formatura, em História, aumentei minha carga horária sucessivamente. Dei aula em instituições públicas e privadas e colaborei na educação de milhares de alunos. Formei muitos professores e pesquisadores na Unicamp e escrevo livros. Tenho elaborado muitos artigos, orientado pessoas, dado entrevistas, palestras, colaborado com trabalho voluntário em instituições e outras questões menores. Volto à questão: para o que eu serviria?

Oscar Wilde achava que o Estado deve fazer o que é útil, e o indivíduo, o que é belo. É um terreno pantanoso. Vamos imaginar que útil seja aquilo que produza um bem concreto e objetivo. Nesse caso, o marceneiro é muito útil. O padeiro é um monumento à utilidade. Um agricultor e um operário são indispensáveis. Precisaríamos de filósofos? Seriam necessários políticos? O mundo não sobreviveria sem militares?

Voltemos ao campo da definição. Se as faculdades de Filosofia pararem por um mês, poucos notarão. Talvez o trânsito melhore, inclusive. Dez minutos de paralisação do metrô causam um caos que Sócrates algum poderia suportar. O Brasil não dispara tiros contra um inimigo externo desde 1945. Seriam úteis as Forças Armadas? Se o ministro da Educação passasse para outra dimensão e os mecanismos de transferências de recursos estivessem no automático dos computadores, alguém deixaria de existir? Afinal, para o que poderia servir um filósofo, um ministro ou um militar?

Como eu indiquei, produtores de bens materiais de primeira linha, como pães, nunca foram classificados como parasitas ou inúteis. Serviços estratégicos, como metrô ou motoristas de caminhão, têm imenso poder de fogo. E os bens imateriais? Os serviços que não apresentam algo muito concreto, como padres rezando missas ou pastores celebrando cultos? De novo, o mundo pararia sem rabinos, padres ou pastores? Para religiosos, a falta dos ministros de Deus seria um desastre. Porém, e para o mundo do pão e do metrô? Fariam falta?

Imagine que o Brasil amanheceu sem poetas, sem filósofos, sem críticos de arte, sem ministros, sem palestrantes, sem decoradores, sem maquiadores de defuntos, sem capitães ou sem pastores: que falta todos fariam? Em uma ilha deserta, você preferiria qual profissão para salvar? O mundo vai acabar, selecione entre um ministro da Educação e um agricultor, entre um médico e um capitão reformado. O que você escolheria?

Quando eu era criança, no meu livro do primário, havia imagens de animais “úteis e nocivos”. As vacas eram úteis, bem como as abelhas. Os mosquitos eram nocivos, claro. No meio desse antropocentrismo especista, havia pouco questionamento sobre o critério da utilidade. No livro didático dos camaleões, por exemplo, mosquitos seriam muito úteis e humanos muito nocivos. A ética camaleônica, insetívora, apoiaria exterminar humanos e preservar o *Aedes aegypti*.

É preciso reconhecer que o conceito de utilidade é um pouco mais elástico do que aquele centrado no produto material. Os caminhoneiros são essenciais no Brasil. Eles existem porque houve a invenção do motor a explosão e o surgimento de cientistas que transformaram petróleo em combustível, muitos ligados à área de pesquisa da universidade. As áreas de

pesquisa cresceram quando filósofos como Descartes criaram métodos racionais para pensar problemas específicos e paradigmas físicos foram tratados por pensadores como Newton. O cientista inglês, aliás, era também astrólogo nas horas vagas; vejam que coisa curiosa. O diálogo entre o método científico, a universidade, os pesquisadores, os cientistas oficiais e avulsos e os inventores privados deu origem ao mundo complexo que possibilita ao caminhoneiro existir.

Compreender esse mundo inclui saber que certas éticas religiosas do trabalho devem ter colaborado para o progresso do capitalismo como previa o sociólogo Weber. Fundamental supor que elementos religiosos, filosóficos, científicos e demandas de mercado foram se tornando elos de uma corrente que possibilitava Pascal ser um grande filósofo, renomado teólogo e inventor de teorias matemáticas usadas até hoje. Aliás, ele também deduziu uma máquina de calcular muito engenhosa. O conhecimento de um Leonardo da Vinci ou de um Pascal nunca pensou em utilidade, porém no sentido socrático de que todo conhecimento que nos torna melhores é útil. A realidade é mais complexa do que o tijolo feito pelo oleiro para um muro. Ainda que o olho simples e comum só veja o tijolo (algo útil), a concepção artesanal ou arquitetônica vai dialogar com sujeitos invisíveis além do que tocamos.

O tema é vasto e contém muitas bibliotecas de apoio para argumentos. Fiquemos apenas em um questionamento: quando começamos a falar sobre o que é útil ou inútil, devemos ter cuidado. Pela dialética clássica, podemos despertar a mesma pergunta para nosso campo e alguém pode devolver a pergunta a quem a faz: você é útil ou inútil? Além dessas categorias, existe uma pior: você faria alguma falta? É preciso ter esperança.

Enredo, cenário e elenco

Talvez tenha ocorrido no domingo passado ou nos eventos do fim de ano. Você preparou o enredo para uma reunião familiar. A ideia era uma mesa bonita e gente feliz ao redor dela. Se você for um detalhista e seu nível de organização, algo elevado, gastou um tempo preparando uma trilha sonora. Os convites foram essenciais e complexos. As pessoas foram pensadas detidamente, tanto as que você gostaria de verdade que viessem como as obrigatórias. Talvez tenha pesado o custo de chamar ou não determinado parente: o que causaria menos dano? Logísticas familiares podem fazer inveja a estratégias de acordos diplomáticos internacionais. Todo o planejamento faz parte do enredo. Sempre há alguém elaborando roteiros na família.

Passada a fase do enredo, temos o cenário. A produção sempre recairá sobre uma ou poucas pessoas. Em todas as famílias (e casais) há jardineiros e há flores; pessoas que cuidam e outras que são cultivadas. Há quem chegue para o almoço com a roupa do corpo. Nada fez ou preparou e, com sorte, será uma flor sorridente. Eu chamo esses de “tipos mágicos”, pois acreditam que tudo brota de um portal sobrenatural no teto da sala de jantar. Como em um jardim, quanto mais o jardineiro regar e cuidar, mais as flores serão viçosas e... dependentes. Em outras palavras, se você assumiu muitas coisas, não reclame, pois criou um jogo que tem como efeito o afastamento de outras pessoas. Por que mimamos pessoas e depois reclamamos que elas nada providenciam? Por que estranhamos o quadro que resultou do nosso pincel zeloso?

O enredo é o encontro familiar. O cenário foi realizado com gosto e dentro do possível. Aí chega a participação final: um elenco que não foi perfeitamente informado dos tópicos narrativos da obra e não se sente comprometido com o cenário.

Você marcou o almoço para as 13h e alguns chegaram às 15h30? Você disse que estava tudo pronto e seu parente trouxe um vaso de crisântemos amarelos, aquela curiosa flor que engolfa tudo em cheiro de necrotério? O encontro era formal e alguém apareceu de bermuda e chinelo? Um se colocou a beber imediatamente e foi ficando inconveniente? Em resumo: o elenco não foi treinado para seu enredo e não está muito atento ao cenário.

Todo jardineiro espera muito das suas rosas, todavia nunca leva em conta que a rosa se acostumou a ser cuidada e nunca viveu outra situação. É da natureza e da biografia da planta mimada esperar adubo, água, defesa contra ervas daninhas, além de companhias agradáveis no canteiro familiar-coração. Como supor algo distinto? Também há plantas espinhentas como os cactos que nunca poderão estar ao lado de flores que exigem muita água. Não é culpa da flor ou do espinho, apenas da junção aleatória e infeliz de duas espécies distintas quanto à demanda hídrica. Há parentes que não podem existir no mesmo espaço-tempo.

Bom roteiro, cenário possível dentro da verba e, por fim, elenco disperso e pouco focado. Por que não ficam um pouco mais? Por que partem como que perseguidos por uma horda assim que o último pedaço de doce se dissolve nas bocas? Por que não se cria um clima de alegre conversa após a refeição? Qual a explicação para a fuga como se fossem um bando de suricatos na presença de predadores

selvagens? Obviamente pelo mesmo motivo que os alunos entram em uma escola com lentidão e dela escapam com velocidade inacreditável: o espaço incomoda.

Talvez seja uma percepção dolorosa: o enredo do especial de fim de ano (episódio “almoço em família”) era um projeto seu. Houve o esquecimento de combinar com o time adversário. Talvez adversário seja palavra forte, digamos apenas que o entusiasmo do diretor não contagiou o elenco. Poucos queriam. Sua dor é narcísica: você (e eu) demos muito afeto, tempo e dinheiro para o que deveria ter ocorrido. O público compareceu com aplausos escassos.

O que fazer? Nunca sei. O primeiro passo é um exercício de humildade: meu projeto não é o de todos. Meu enredo tem ibope baixo para plateias mais amplas. Consideraram meu argumento, família feliz, algo ultrapassado. Você com imaginário de *Pollyanna moça* e o Ibope pendendo para dramas de compartilhar o mesmo sobrenome? Foi Freud ou Nelson Rodrigues quem detonou o idílio do seu desejo?

Você tentou muito e só recebeu indiferença ou até irritação? Hora de reler Augusto dos Anjos: “O beijo, amigo, é a véspera do escarro,/ a mão que afaga é a mesma que apedreja”. Se o homem que tinha sobrenome “dos Anjos” pensava assim, o que você, sem o traço celeste no DNA, poderia viver?

Um psicanalista talvez perguntasse se você prepara tudo com tanto esmero por prazer ou por vontade de controlar. Afinal, se só você quer de tal jeito, seria um gesto de abnegado amor familiar ou de cultivo de maciço egoísmo? Não existe muita escapatória. Para ser feliz, imagine uma possibilidade: faça algo se quiser e siga o conselho de todos os grandes filósofos estoicos e líderes religiosos. Que segredo é esse para evitar o rancor? Fazer para você e por que

você gosta, apenas. Sem sentido, dimensão ou propósito maior do que o seu desejo. Por fim, um exercício curioso: se você deixasse de ser jardineiro ou jardineira, as flores se quedariam desamparadas ou, enfim, o jardim assumiria a forma que sempre almejou e mais natural, sem sua topiaria meticulosa? Seriam as flores ingratas ou o jardineiro autoritário? Bom e esperançoso projeto paisagístico para todos nós, jardineiros e flores.

